



O FACEBOOK ENQUANTO UM ESPAÇO PEDAGÓGICO QUE GOVERNA A CONDUTA DOCENTE

FACEBOOK AS A PEDAGOGICAL SPACE GOVERNING TEACHER CONDUCT

FACEBOOK COMO UN ESPACIO PEDAGÓGICO QUE GOBIERNA LA CONDUCTA DOCENTE

Letícia Farias Caetano¹

Kamila Lockmann²

RESUMO

O presente trabalho visa analisar como os discursos sobre uma imagem idealizada de professor, que circulam em redes sociais como o *Facebook*, vêm produzindo modos de ser docente. Para isso, analisamos as postagens publicadas em páginas virtuais como “Professores Sofredores”, “Professora Indelicada” e “Pedagogia da Depressão”, a partir de 2012, assim como os comentários feitos nessas páginas. Ao analisar o material empírico estabelecemos algumas relações com os estudos de Michel Foucault, a partir das problematizações que o filósofo faz sobre o poder pastoral. Nos discursos produzidos no *Facebook* vislumbramos algumas características do poder pastoral, reconfiguradas e atribuídas ao exercício docente na atualidade, aproximando o professor da figura de um pastor, condutor de um rebanho. Pautadas por uma vertente pós-estruturalista, sinalizamos, também, que os discursos produzidos nessas páginas vêm constituindo modos de ser e exercer a docência na Contemporaneidade, colocando o *Facebook* como um espaço pedagógico, pois, através das práticas discursivas que fabrica, conduz condutas, incidindo sobre o trabalho do professor e em como vivemos a docência hoje.

Palavras-chave: Facebook. Discurso. Docência. Poder Pastoral. Governo.

RESUME

Submetido em: 24/04/2020 – **Aceito em:** 25/04/2020 – **Publicado em:** 29/04/2020

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande (PPGEdu/FURG). Pedagoga. Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e In/exclusão (GEIX/FURG). Professora da Rede Municipal de Educação do Município do Rio Grande. E-mail: leticiafariascaetano@gmail.com

² Doutora e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora Adjunta III do Instituto de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Coordenadora do grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e In/exclusão (GEIX/FURG). Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. E-mail: kamila.furg@gmail.com



This work analyze how the discourse of an idealized teacher image, circulating on social networks like Facebook, has been producing ways of being teachers. For this, we analyzed the posts published on virtual pages such as "Professores Sofredores", "Professora Indelicada" and "Pedagogia da Depressão", since 2012, as well as comments on the pages. While analyzing the empirical data, we have established some relations with the studies of Michel Foucault, from the problematizations that the philosopher does regarding the pastoral power. In the discourses produced on Facebook, we have glimpsed some pastoral power characteristics reconfigured and assigned to teaching practice nowadays, resembling the teacher to the figure of a shepherd, leader of a flock. Guided by a poststructuralist side, we also have highlighted that the discourses made on these pages have been constituting ways of being and exercising the teaching in the Contemporaneity, putting Facebook as a space of educational and pedagogical productions, since through the discursive practices that it generates, it conducts behaviors, reaching the work of teachers and how we live the teaching today.

Keywords: Facebook. Discourse. Teaching. Pastoral power. Government.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar cómo los discursos sobre una imagen idealizada del maestro, que circulan en redes sociales como Facebook, han estado produciendo formas de ser maestro. Para esto, analizamos las publicaciones en páginas virtuales como "Maestros que sufren", "Maestros descortés" y "Pedagogía de la depresión", de 2012, así como los comentarios hechos en estas páginas. Al analizar el material empírico, establecemos algunas relaciones con los estudios de Michel Foucault, basadas en las problematizaciones que el filósofo hace sobre el poder pastoral. En los discursos producidos en Facebook, vislumbramos algunas características del poder pastoral, reconfigurado y atribuido a la práctica docente de hoy, acercando al maestro a la figura de un pastor, que lidera un rebaño. Guiados por una fundamentación postestructuralista, también señalamos que los discursos producidos en estas páginas han constituido formas de ser y ejercer la enseñanza en los tiempos contemporáneos, colocando a Facebook como un espacio pedagógico, porque, a través de las prácticas discursivas que fabrica, conduce la conducta, produciendo el trabajo del maestro y cómo vivimos enseñando hoy.

Palabras clave: Facebook. Discurso. Docencia Poder Pastoral. Gobierno

INTRODUÇÃO

O trabalho em questão problematiza alguns discursos produzidos no *Facebook* sobre o papel do professor na atualidade. Para melhor organizar este artigo, dividimos este em três partes: na primeira seção apresentamos a escolha metodológica deste trabalho, assim como a perspectiva teórica que orienta a pesquisa. Na segunda seção destacamos, brevemente, pequenos fragmentos históricos que mostram como a imagem do professor associada a figura de um missionário foi sendo construída. Na seção seguinte, realizamos a análise dos achados da pesquisa, articulando com alguns estudos de Michel Foucault acerca do poder pastoral, evidenciando o *Facebook* como um espaço pedagógico que institui modos de viver e exercer a docência hoje, regulando e governando sua conduta. E por fim, discorreremos sobre algumas considerações acerca da análise realizada na pesquisa.



AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS: O *FACEBOOK* COMO UM POTENTE ARTEFATO PEDAGÓGICO

Ao pensar nos discursos contemporâneos acerca do professor e seu papel na sociedade vislumbramos o *Facebook* como um potente artefato pedagógico, pois, através das práticas discursivas que fabrica, conduz condutas e molda maneiras de ser, de estar e de interagir no mundo, incluindo, também, as formas como vivemos e exercemos a docência na contemporaneidade. Nessa esteira de problematizações entendemos que a pedagogia é uma ação de governo, pois conduz a conduta dos homens, já que:

O termo *pedagogia* é usado desde o princípio para referir a prática de conduzir e orientar a conduta dos outros. Esta palavra que provém do grego *paidagogia*, [...] foi usada na Antiguidade para assinalar a atividade que realizava um escravo que conduzia, vestia, acompanhava as crianças e jovens [...] e que, ao longo de suas caminhadas, era responsáveis por moldar o comportamento e o caráter do jovem (MARÍN-DÍAZ, NOGUERA-RAMÍREZ, 2009, p. 130). [Grifos do original]

Ou seja, o termo pedagogia, ao longo de sua história, aparece vinculado a práticas de condução e de governo. Talvez o que possamos visualizar em nosso presente, seja a multiplicação de espaços pedagógicos que se destinam a conduzir, guiar, orientar e incidir sobre as formas como os sujeitos vivem e interagem entre si. Diante da proliferação de artefatos pedagógicos que vislumbramos em nosso presente, nos parece possível compreender o *Facebook* como um desses espaços pedagógicos de produção de subjetividades e de formas de condução. Pelos discursos que ele faz circular e pelas verdades que reitera ele produz efeitos nas nossas maneiras de ser, de agir e de viver, sendo que a docência não está alheia a esses processos. Ou seja, quando compreendemos a Pedagogia como esta atividade de condução das condutas, podemos entender o quanto uma variedade de artefatos tornam-se pedagógicos no sentido que incidem sobre a forma como os sujeitos conduzem a si próprios. Entre estes artefatos olharemos especificamente para o *Facebook* como uma ferramenta que modifica nossas formas de interação, de exposição e existência.

Podemos afirmar, enfaticamente, que “não somos mais os mesmos, certamente” (FISCHER, 2006, p. 67). Somos reconstituídos constantemente pelas transformações tecnológicas que vêm alterando nossos modos de existência. As novas relações sociais e o jeito que interagimos e nos comunicamos, principalmente pelo acelerado avanço da internet, vêm produzindo e moldando



outros tipos de sujeitos. Inevitavelmente, os professores também são atravessados por este novo contexto sociocultural, interferindo em suas condutas, por isso, problematizamos os efeitos do *Facebook*, enquanto um espaço pedagógico contemporâneo, que incide sobre modos de ser e exercer a docência. Nesse sentido, entendemos que:

As tecnologias digitais tendem e devem converter a cultura de massa em cultura interativa, colaborativa, promovendo ampliações infinitas na circulação e na criação de informações e conhecimentos. Um novo *Ethos*, o *Ethos da mediatização infocomunicacional* na era digital, acelera mudanças sociais promovidas pela globalização da cultura digital e realiza criativamente novos modos de ser e viver (COUTO; MELO; MOREIRA; XAVIER, 2008, p. 116-117).

Sendo assim, as redes sociais ³ possibilitam a construção de novos sujeitos sociais, de novas relações e de outras maneiras de se expor e de interagir com o mundo.

Fizemos, também, algumas aproximações com os estudos culturais⁴ e com o que alguns autores vêm chamando de pesquisa netnográfica, ou:

“Etnografia digital”, “etnografia on-line”, “etnografia na internet”, “etnografia conectiva”, “etnografia da rede” são alguns termos utilizados para denominar uma forma específica da etnografia, aquela que se dá em ambientes virtuais. Essa metodologia consiste na “observação dos sujeitos em seu processo de construção de percepções e comportamentos na relação social em rede”. Os objetos da pesquisa netnográfica são as conexões e os fluxos produzidos no ciberespaço (SALES, 2012, p. 116).

Vale ressaltar que não temos a pretensão de fazer uma etnografia ou uma netnografia, mas, talvez, seja possível afirmar que tal pesquisa seja de inspiração netnográfica. Nesse caminho, procuramos compreender como os professores são subjetivados a partir dos discursos publicados em páginas criadas no Facebook, tais como: Professores Sofredores, Professora Indelicada e Pedagogia da Depressão. A escolha por essas páginas se deu devido ao grande número de acessos, “postagens”, “curtidas” e “compartilhamentos”. A seguir apresentamos

³ Por rede social compreendemos uma forma de comunicação mediada pelo computador, ou seja, um “grupo de atores que utiliza determinadas ferramentas para publicar suas conexões e interagir [...]. As redes sociais, desse modo, não são pré-construídas pelas ferramentas, e, sim, apropriadas pelos atores sociais que lhes conferem sentido e que as adaptam para suas práticas sociais” (RECUERO, 2014, p. 20).

⁴ Ao estabelecer aproximações com os Estudos Culturais passamos a entender a cultura, não como saberes eruditos, elitizados e hegemônicos, mas como expressões culturais produzidas em diferentes esferas sociais. “Cultura deixa, gradativamente, de ser domínio exclusivo da erudição, da tradição literária e artística, de padrões estéticos elitizados, e passa a contemplar, também, o gosto das multidões [...] os Estudos Culturais expressam, então, uma tentativa de “descolonização” do conceito de cultura” (COSTA, 2005, p. 108-109).



uma tabela com as páginas citadas, ano de criação, o endereço eletrônico e o número de “curtidas”⁵:

PÁGINAS	ANO DE CRIAÇÃO	ENDEREÇO ELETRÔNICO	NÚMERO DE “CURTIDAS”
Professores Sofredores	2012	https://www.facebook.com/Professores-Sofredores-310167222377505/?ref=ts&fref=ts	341.705
Professora Indelicada	2012	https://www.facebook.com/professoraindelicada01/?fref=ts	236.591
Pedagogia da Depressão	2012	https://www.facebook.com/PedagogiaDaDepressao/?fref=ts	155.183

Fonte: Produzido pelas autoras

Há ainda uma variedade de outras páginas que poderiam ser analisadas, mas consideramos essas mais relevantes por alguns motivos: 1) Pela quantidade de curtidas que cada uma apresenta. Fizemos um levantamento de várias páginas e percebemos que as selecionadas são as mais acessadas e curtidas pelos internautas. A página que ficaria em quarto lugar nesta classificação apresenta um pouco mais de 49 mil curtidas (até o momento deste levantamento), o que demonstra uma grande diferença quantitativa em relação às três primeiras. 2) Além do critério quantitativo, optou-se também pelo critério qualitativo, pois percebemos que as demais páginas começam a repetir conteúdo e, de certa forma, fazem referência aos conteúdos postados nas três primeiras. Diante desses argumentos, escolhemos focar a análise apenas nas três páginas selecionadas, visto que elas já apresentam um universo bastante grande de postagens, opiniões, sentimentos e comentários acerca do fazer docente.

Compreendemos que tais páginas narram formas de ser e exercer a docência na contemporaneidade e que os professores passam a tomar essas narrativas como sendo suas verdades, produzindo efeitos sobre eles. Esses efeitos são, por conseguinte, produzidos por um conjunto de saber-poder-verdade de construções discursivas vinculadas em tempos históricos distintos e, por isso, torna-se indispensável olhar para alguns desses tempos, evidenciando a trama discursiva que os envolvem. É sobre isso que trataremos na seção seguinte.

⁵ Esses dados foram obtidos no dia 22/06/2016.



UM RECORTE HISTÓRICO SOBRE O OFÍCIO DOCENTE

Para analisar os discursos produzidos sobre a docência na Contemporaneidade recuamos um pouco nosso olhar para algumas cenas históricas, a fim de problematizar o caráter salvacionista e missionário atribuídos a esses discursos, uma vez que são esses que estão fortemente presentes em nossos dias e que compõem o vocabulário de muitos professores, governando seu modo de vida e seu exercício profissional.

Ao olhar para o passado evidenciamos que é na Modernidade que se constitui o que entendemos hoje por educação, escola e papel do professor na sociedade. De acordo com Noguera-Ramírez e Marín-Díaz (2012, p. 18) “a Modernidade, entendida como um conjunto de transformações culturais, econômicas, sociais e políticas que aconteceram na Europa, a partir dos séculos XV e XVI, tem uma profunda marca educativa” (tradução nossa). Neste contexto, tem-se também a emergência de um modelo institucional de criança que necessita de um modelo institucional de educação que a controle e a regule.

É na Europa moderna que surge o conceito de infância enquanto uma classe social que precisa ser educada. Se na Idade Média a criança era vinculada ao mundo dos adultos – vista como um adulto em miniatura⁶ – é no fim deste contexto histórico, na emergência de um novo mundo (o moderno) e de um novo conceito de família (a burguesa), que surge um “sentimento” com relação à criança e, com isso, um novo modo de educá-la, necessitando de um espaço institucional para que esta educação fosse efetivada. Assim,

A escola moderna nasceu no seio do movimento social e de suas interações culturais, com o objetivo de tomar a cargo a educação das crianças, da qual a escola, que existia já na Idade Média, não se ocupava especialmente. Não é senão a partir do século XV que ela vai pouco a pouco se transformar e ser utilizada para a educação das crianças, no sentido em que a entendemos hoje (NÓVOA, 1991, p. 111).

O modelo escolar então se adapta para receber e preparar esse novo sujeito: o sujeito infantil. A escola se torna a instituição necessária (através de práticas disciplinares e corretivas), pois deverá agir sobre a criança, em sua conduta, para que ela possa ser preparada para viver em sociedade. Nesse caso, a figura do professor é imprescindível para que a formação da criança

⁶ O entendimento sobre a criança enquanto um “adulto em miniatura” foi defendido por Philippe Ariès ao fazer um estudo iconográfico das crianças na Idade Média e perceber – através dos quadros pintados na época – que as crianças não possuíam nenhuma peculiaridade que as diferenciavam dos adultos. Salvo algumas ressalvas, as ideias de Ariès são consideradas um marco nos estudos sobre um conceito de infância, criado na Modernidade.



se tornasse possível. “Cria-se uma ligação especial entre a criança e um adulto determinado: o preceptor e/ou o professor. Ele deve, na escola e pela escola, *garantir* a infância das crianças” (GHIRALDELLI Jr. 2009, p. 18. Grifo do autor). Portanto, a educação da criança não deveria acontecer nos lares ou na comunidade, mas através da instituição escolar e do professor “[...] que passa a ser o guardião da infância e da juventude” (ibidem).

No entanto, a escola elementar não possuía um método específico de aprendizagem para as crianças, já que utilizava os mesmos ensinamentos das escolas do tempo medieval, destinada ao ofício do sacerdócio. Por muitos séculos, a Igreja Católica manteve a tutela da escola e seus ensinamentos baseavam-se nos princípios cristãos. “O fanatismo religioso é uma das chaves da modernidade” (VARELA & ALVAREZ-URIA, 1992, p. 70). Pode-se afirmar que:

As tradições religiosas proporcionavam outro modelo que inspirou muitos pedagogos no momento em que perguntaram de que maneira a sala de aula deveria ser organizada: o pastorado. Tudo parece indicar que, àquela época, os pedagogos não viam numerosos conjuntos de alunos como uma “tropa”, mas sim como um “rebanho” (DUSSEL; CARUSO, 2003, p. 63).

Percebemos, assim, o quanto a Igreja influenciou no processo de educação dos jovens, já que muitos se convertiam a doutrina cristã e a formação religiosa, reforçando seu caráter missionário e salvacionista. A partir deste entendimento estabelecemos algumas aproximações com os estudos de Michel Foucault acerca do poder pastoral cristão. Este se configura como um poder institucionalizado que deu lugar a uma nova forma de conduzir, de guiar, de manipular os homens durante toda a sua vida; regido por leis, mandamentos, técnicas e procedimentos. A seguir apontaremos algumas características do poder pastoral, ao analisar os discursos contemporâneos acerca do papel do professor na atualidade, fazendo algumas aproximações e problematizações.

ACHADOS DA PESQUISA

Para analisar os discursos contemporâneos elencamos algumas postagens publicadas no *Facebook* acerca do papel do professor, assim como alguns comentários produzidos pelos usuários das páginas virtuais, mencionadas anteriormente, a fim de elucidar como estes

discursos fabricam modos de ser e de exercer a docência na atualidade⁷. Vejamos alguns excertos:

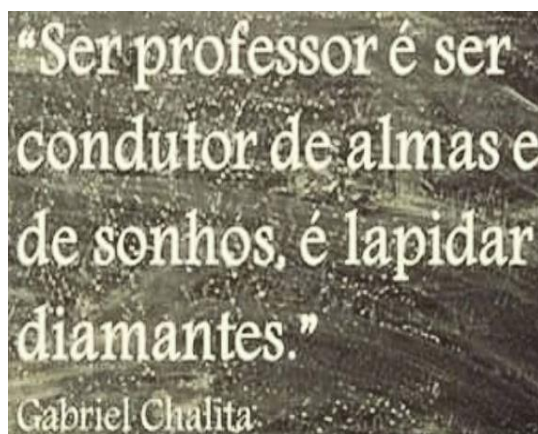


Figura 1: Professor condutor da Almas

Fonte: Página facebook: Professores Sofredores. (Publicado em 27 de março de 2015).

- *Amo minha profissão* (Publicado em 1/4/2015).
- *Tenho vários diamantes, que lapido com muito amor.* (Publicado em 28/3/2015).
- *E amar a profissão e as crianças!* (Publicado em 28/3/2015).
- *Muito bom fechar a noite encontrando essa frase, acho até que nos motiva um pouco mais. Essa semana acho que por momentos pensei em desistir da minha profissão ou melhor dizendo da minha missão de ser PROFESSORA, ao ser verbalmente ofendida por um aluno, mas ao ouvir aquelas palavras e o jeito como o mesmo falava, apenas silencieei e pedi a Deus discernimento para suportar aquela ofensa no silêncio e não me entristecer, e claro que o meu bom Deus me lembrou na hora que o seu filho querido O MESTRE DOS MESTRES também foi insultado. E isso bastou para que eu levantasse a cabeça, e no final da aula agradecê-lo (pelos elogios), porque eles serão degraus que me farão subir na escada da vida. Cada um dá o que tem de melhor.* (Publicado em 28/3/2015).
- *Para todo o sempre minha vocação. . .* (Publicado em 16/11/2015).

⁷ Os comentários apresentados nessa pesquisa foram publicados pelos usuários que curtem as páginas. Para preservar suas identidades, não utilizaremos seus nomes.

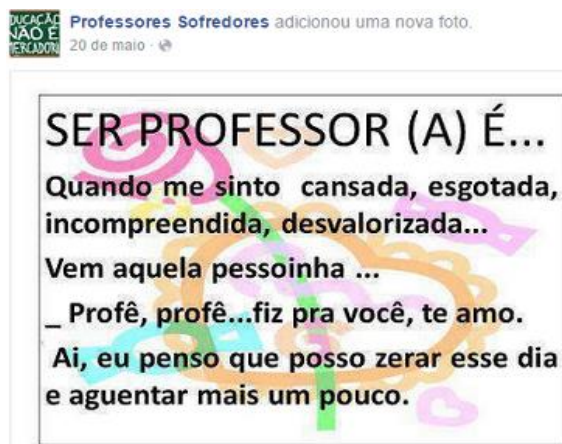


Figura 2: Como me sinto..
Página: Professores Sofredores. (Publicado em 20 de Maio de 2015).

- *São estes pequenos gestos que nos dão forças para continuar a caminhada* (Publicado em 3/9/2015).
- *É assim mesmo! E por eles esqueço o cansaço e tudo mais. Cada gesto de carinho vale muito, pois faço o que gosto!* (Publicado em 13/12/2015).
- *Exatamente isso, o amor que nos dá força para prosseguir todos os dias, nessa profissão que não é nada fácil.* (Publicado em 8/1/2016).
- *Quando ESCOLHE ser professor a gente vai sabendo que aparece desafio de tudo quanto é lado. A gente ouve dizer, a gente vê, a gente intui... mas a gente ESCOLHE MESMO ASSIM! Não aconselhem a colega a largar a escola. Sugerir isso é como sugerir abrir mão da vocação, de um sonho que teimosamente damos tudo pra tornar real. Um IDEAL não pode ser jogado fora! Por que tem gente dando aula nesses lugares? Porque há a esperança de torna-lo melhor! Tem GENTE lá precisando de carinho, atenção e informação! E é por esses que damos de nós!* (Publicado em 20/5/2015 na página Professora indelicada).

Ao analisar esses discursos estabelecemos algumas articulações sobre as funções destinadas ao professor, com o que Michel Foucault definiu como poder pastoral. Ao pensar sobre as formas de governo dos homens, o filósofo afirma que este tipo de governo tem sua origem no Oriente, primeiramente entre os hebreus e mais tarde no Ocidente, pelo cristianismo⁸.

⁸ Em seu curso “Segurança, Território, População”, ministrado em 1978, embora tenha analisado o pastorado hebraico e suas características, Foucault se debruça precisamente em estudar o pastorado cristão, sendo este o



No pastorado cristão, o pastor é sempre bondoso, zeloso, cuidadoso e conhecedor de seu rebanho; “o compromisso e a responsabilidade são o testemunho dos laços morais que unem o mestre pastoral a cada um dos indivíduos que estão sob seu cuidado” (GARCIA, 2002a, 63-64). Nesse tipo de poder, o pastorado cristão se relaciona com a salvação (o pastor guia pela vereda da salvação); com a lei (para que seu rebanho seja conduzido para a salvação, este deve seguir as leis de Deus) e com a verdade (para submeter-se à lei é preciso crer nela). Portanto, “o pastorado guia pela salvação, prescreve a lei e ensina a verdade” (FOUCAULT, 2008, p. 221). Articulamos os discursos contemporâneos às características do poder pastoral, pois percebemos nos discursos publicados no *Facebook* um apelo moral e vocacional atribuído à profissão docente. O amor incondicional, a renúncia de si, o sacrifício, etc., são características do poder pastoral, entendidas como uma “missão docente”. Como se os professores fossem pastores em busca da salvação de seu rebanho, ou, na lógica atual, como se o professor fosse o herói da Humanidade, aquele capaz de garantir a salvação do mundo, em nome do amor pelo seu ofício. As imagens docentes, produzidas no presente, refletem imagens de sacrifício que,

[...] se naturaliza como um componente quase inexorável da profissão docente. O mestre da renúncia de si, do sacrifício pelo outro, como o peso das condições de trabalho e de vida, marcam grande parte das representações da profissão que circulam na sociedade. Ao aceitarem tais representações como naturais – e legítimas – as professoras acreditam demonstrar sua vocação, seu valor e, com isso, pensam conquistar o reconhecimento da sociedade (BALINHAS et al, 2013, p. 262).

Sendo assim, a renúncia de si, o sacrifício incondicional, absoluto e infinito em prol da educação se configura como parte inerente à profissão docente e acaba por regular seu exercício: “[...] a regulação e a organização da docência configuram-se a partir e por meio da figura de um professor-pastor e essa derivação da pastoral cruza os espaços-tempos da docência na contemporaneidade” (HERMES, 2012, p. 91).

Também podemos afirmar que este discurso só é aceito e reproduzido devido à adesão dos docentes. “São os próprios sujeitos professores que escolhem, em sua liberdade, ocupar esse

modelo mais eficaz e mais contundente de governo dos homens, que o modelo hebraico. Neste curso, o filósofo não faz um estudo sobre o cristianismo, nem como religião, nem como instituição, mas pesquisa sobre as características deste tipo de poder e sobre um conjunto de técnicas de condução que foi se delineando em torno de uma instituição religiosa cristã e que se desenvolveu ao longo de quinze séculos. Nesta pesquisa, estabelecemos algumas relações com o poder pastoral cristão – nos afastando de uma análise do poder pastoral hebraico – pois entendemos que este tipo de poder deixou marcas no exercício docente, que podem ser percebidas até hoje.



lugar público de responsabilidade pela formação das novas gerações” (SILVA, 2014, p. 409). Nesse sentido, entendemos que o discurso produz efeito, pois os professores se “curvam” a sua verdade. A materialidade discursiva se torna inquestionável e irredutível, produzindo o que entendemos como sendo o verdadeiro, o sensato, a tal ponto que faz com digamos: “Se é verdadeiro, eu me inclinarei! Se é verdade, portanto, eu me inclino” (FOUCAULT, 2014, p. 88).

Essa inclinação, às verdades produzidas em nosso tempo, leva os professores a processos de autoculpabilização docente, fazendo-os sentirem-se permanentemente endividados por não conseguir cumprir as missões salvacionistas a eles atribuídas. É aí que vemos a articulação de características de um poder pastoral que cruza os tempos e se reconfigura em nossos dias sob a égide do neoliberalismo. É sobre esses entrecruzamentos que tentaremos falar na seção seguinte, que encerra este texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os discursos produzidos no *Facebook* acerca do papel atribuído ao professor na atualidade evidenciamos que estes associam-se a figura de um missionário, vocacionado ao exercício de educar, o que nos faz pensar que “o modelo do docente permanece muito próximo daquele do padre” (NÓVOA, 1991, p. 119). Este modelo vem sendo construído historicamente e intensificado pelos discursos contemporâneos. Uma imagem de doação e renúncia, que se transformam em grandes fardos atribuídos à ação docente.

É dessa maneira, pois, que, em face de sua desmedida missão civilizadora, a tarefa de educar parece ter assumido uma extrema gravidade, podendo-se facilmente associar o educador à figura de um soldado e de um salvador. E, no entanto, não seria menos correto associá-lo também à figura de um *carregador de fardos*: tanto voluntarismo, tanta abnegação, tanta renúncia e, por que não dizer, tanta culpa... (GADELHA, 2005, p. 1265-1266).

É a partir desse entendimento sobre a missão docente que o cargo atribuído à sua função se torna um peso excessivo, difícil de ser carregado. Tal responsabilização acaba por gerar culpa, frustração, ocasionando assim um mal-estar no exercício da sua profissão, que faz dos docentes, sujeitos endividados que se autoculpabilizam por não conseguir dar conta da missão



salvacionista que historicamente lhe foi atribuída. Como afirma Lazzarato (2011, p. 81) “o usuário transformado em ‘devedor’, em contraste com o que se passa nos mercados financeiros, não deve reembolsar em dinheiro local, mas em comportamentos, atitudes, maneiras de agir, projetos, engajamentos subjetivos”. O professor tem que ser capaz de dar conta e pagar essas e tantas outras “dívidas” que são impostas pela sociedade, tornando-se, nas palavras de Lazzarato (2011) um *homem endividado*. Na racionalidade neoliberal somos todos sujeitos altamente endividados, pois como sujeitos empresários de si mesmos, somos responsáveis pelo nosso sucesso ou pelo nosso próprio fracasso.

Ao olhar para as características do poder pastoral e perceber algumas dessas formas no exercício docente contemporâneo, não pretendemos aplicá-las da mesma maneira como era organizada no passado. Obviamente estas características assumem outras roupagens dentro desta nova racionalidade política em que vivemos. Contudo, estabelecemos algumas relações com esse tipo de poder, pois isto nos possibilita enxergar e problematizar o caráter missionário e salvacionista que os discursos contemporâneos sobre a profissão docente acabam assumindo e os efeitos que esses discursos produzem nos modos de viver e exercer a docência hoje.

REFERÊNCIAS

BALINHAS, Vera Lúcia Gainssa. et al. Imagens da docência: um estudo sobre o processo de trabalho e o mal-estar docente. *Revista Mal-estar e Subjetividade*. Fortaleza. Vol. XIII. Nº 1-2. Mar/Jun., 2013, p. 249-270.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos culturais e educação – um panorama. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. (Org.). *Cultura, poder e educação: um debate sobre estudos culturais em educação*. Canoas: Editora ULBRA, 2005. p. 107-120.

COUTO, Edvaldo Souza.; MELO, Caio.; MOREIRA, Ana Paula.; XAVIER, Maíse. Da cultura de massa às interfaces na era digital. *R. Faced*, Salvador, n.14, p. 105-118, Jul/Dez. 2008.

DUSSEL, Inês.; CARUSO, Marcelo. *A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar*. São Paulo: Moderna, 2003.

FISCHER, Rosa Marias Bueno. Técnicas de si e tecnologias digitais. In: SOMMER, Luis Henrique. BUJES, Maria Isabel Edelweiss. (Orgs.). *Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens*. Canoas: ULBRA, 2006.



FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*: curso no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos*: curso no Collège de France (1979-1980). São Paulo: Martins Fontes, 2014.

GADELHA, Sylvio de Souza. De fardos que podem acompanhar a atividade docente ou de como o mestre pode devir burro (ou camelo). *Educação e Sociedade*. vol. 26, n. 93, p. 1257-1272, Set./Dez. 2005.

GARCIA, Maria Manuela Alves. O intelectual educacional e o professor críticos: o pastorado das consciências. In: *Currículo sem fronteiras*, v. 2, n.2, p. 53-78, Jul./Dez. 2002.

GHIRALDELLI Jr, Paulo. *História da educação brasileira*. São Paulo: Cortez, 2009.

HERMES, Simoni Timm. *O atendimento educacional especializado como uma técnica de governo*: a condução das condutas docentes na escola inclusiva. Santa Maria: UFSM, 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

LAZZARATO, Mauricio. *La fabrique de l'homme endetté*: essai sur la condition néolibérale. Paris: Éditions Amsterdam, 2011.

MARÍN-DÍAZ, Dora. NOGUERA-RAMÍREZ, Carlos Ernesto. *Educar es gobernar*: In: SALCEDO, Ruth Amanda Cortés; Marín-Díaz, Dora Lilia. *Gobernamentalidad y educación: discusiones contemporáneas*. Bogotá, Colombia: IDEP, 2009. p. 127-151.

NOGUERA-RAMÍREZ, Carlos Ernesto.; MARÍN-DÍAZ, Dora Lilia. Educar es gobernar: la educación como arte de gobierno. *Cadernos de Pesquisa*. v. 42. n. 145. p. 14-29. Jan./Abr. 2012.

NÓVOA, Antônio. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. *Teoria & Educação*. Maringá, nº 4, p. 109-139, 1991.

RECUERO, Raquel A *conversação em rede*: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SALES, Shirlei Rezende. Etnografia+netnografia+análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em Educação. In: MEYER, Dagmar Estermann.; PARAÍSO, Marluce Alves. (Orgs.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. cap. 5, p. 111-132.

SILVA, Roberto Rafael Dias da. Docência, governo e verdade: elementos para uma análise anarqueológica. *Espaço Pedagógico*. v. 21, n. 2. Passo Fundo, p. 403-418, jul./dez. 2014.

VARELA, Julia. ALVAREZ-URIA, Fernando. A maquinaria escolar. *Teoria & Educação*. Porto Alegre: Pannonica Editora, 1992, nº 6, p. 68-96.